

## **Jornalismo e democracia: a importância da diversidade da produção comunicativa em rede<sup>1</sup>**

Maria Cristina PEIXOTO<sup>2</sup>  
Raquel UTSCHE<sup>3</sup>  
Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

Este artigo trata dos modos de produção comunicativa e de seus produtos disponibilizados em rede, sobretudo por coletivos de comunicação empenhados na divulgação de informações contra hegemônicas e ocupados com o respeito aos direitos dos cidadãos. Considerando a importância do jornalismo na vida democrática, refletimos sobre a comunicação contemporânea, na perspectiva do processo de apropriação social das tecnologias digitais, associadas ao uso dos dispositivos móveis, bem como sobre tensionamentos que isso provoca na lógica de produção característica da comunicação massiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, democracia, diversidade, coletivos de comunicação

### **INTRODUÇÃO**

Está bastante difundida a ideia de que os processos comunicacionais contemporâneos fogem aos esquemas interpretativos rígidos que desconsideram o grau de indeterminação presente nos modos de recepção dos conteúdos ou reiteram as abordagens que tratam das “mídias em geral” como instituições monolíticas e inteiramente controladas por interesses econômicos. Generalizações desse tipo nos parecem cada vez mais desacreditadas, ao prescindir das formas insurgentes de trabalho jornalístico, bem como da complexidade interna da produção de notícias.

As generalizações apressadas desconhecem não só a imprevisibilidade receptiva (Thompson, 1998), mas também da produção e do sistema de resposta social (BRAGA,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Humanas – Sociologia, professora dos cursos de Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos e graduação em Comunicação Social da Universidade Fumec, Coordenadora do projeto de extensão Observatório das Representações da Cidade na Mídia, email: mcrislep@fumec.br

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação Social (Puc Minas), professora do Curso de Jornalismo da Universidade FUMEC, e-mail: raquel.utsch@fumec.br

---

2006). Diante das formas autônomas e experimentais de comunicação de massa, que colocam em questão o *modus operandi* das mídias tradicionais no que se refere à sua produção, é importante que a pesquisa em comunicação enfoque aspectos da manifestação dessas alternativas e suas várias modalidades jornalísticas, de modo a instrumentalizar-se para pensá-las (MACHADO, 2004).

No que se refere especificamente à produção do jornalismo, a formação de oligopólios, o encolhimento da produção de reportagens investigativas, a desilusão pública, a queda vertiginosa da venda de jornais, baixos salários, o enxugamento das redações são alguns fatores que motivam críticas recorrentes ligadas à área. Nesse cenário, o jornalismo concebido como um sistema pelo qual recebemos nossas informações de maneira organizada e independente é questionado por cidadãos e grupos sociais.

Está claro que, para se contrapor ao padrão dominante aqui criticado, o jornalismo deveria evitar a todo custo os preconceitos, os clichês culturais, priorizando o interesse coletivo, visando ao objetivo maior de “contar uma boa história”. Experiências desenvolvidas fora do padrão usual de produção chamam a atenção daqueles que pensam criticamente os meios (MACHADO, 2004).

Percebe-se hoje a tendência de reconfiguração do panorama brevemente descrito, com alterações contextuais na produção e no consumo de bens culturais, resultando num mercado descentralizado e heterogêneo de produtos comunicacionais e de consumidores. Nesse processo, recursos de linguagem e tecnologias comunicacionais têm sido frequentemente utilizados de maneira criativa, com uma lógica distinta daquela que marcou a indústria cultural, voltada quase que exclusivamente para a aquisição de lucro (cf. MARTÍN-BARBERO, 2006).

Referimo-nos aos coletivos que atuam na área do jornalismo, muitas vezes criados despretensiosamente, com recursos tecnológicos básicos, estimulados pela vontade de divulgar conteúdos considerados relevantes para a comunidade, ou ainda em confronto com versões sobre fatos locais, apresentadas pelos meios de comunicação convencionais. Com o passar do tempo, por uma inserção social construída no cotidiano, ganham importância pelos papéis de observação da comunidade, denúncia

---

das arbitrariedades sofridas e divulgação de matérias sobre acontecimentos que representam e impactam a realidade local.

Neste artigo, buscou-se apresentar uma versão preliminar sobre o papel dessas práticas comunicacionais que envolvem a atuação de jornalistas e cidadãos, e expandem-se no contexto das redes sociais, ancoradas no uso da Internet associado aos dispositivos de comunicação móvel.

## **COMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE**

Destacam-se, entre as variadas experiências jornalísticas que são objeto de nossa reflexão, a orientação para as seguintes características: a independência diante dos poderes institucionalizados, a interação com o público, o uso de recursos, técnicas narrativas e linguagens provenientes de outros campos (elementos da literatura, por exemplo), a revalorização do texto escrito e da originalidade das pautas, a produção audiovisual realizada com uso dos dispositivos móveis.

A essas características soma-se o interesse genuíno pelo outro como atitude necessária a uma convivência democrática, em que se busca a horizontalidade nas relações, a começar da entrevista. Em Cardoso de Oliveira (1996) a reflexão sobre a natureza da relação entre entrevistador e entrevistado mostra que há uma longa e arraigada tradição sobre o tema, que se consolida e trivializa-se na realização da entrevista, apresentada como ação sem maiores dificuldades. Porém, é no ouvir o "informante" que se exerce "poder" sobre ele, mesmo quando o entrevistador pretende se posicionar como o mais neutro possível.

Nessa relação, este poder, subjacente às relações sociais, desempenha um papel empobrecedor do ato cognitivo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996), ao criar um campo ilusório de interação, um não diálogo, uma não interação. Isso pode ser revertido pela transformação dessa relação em um diálogo, o que é superior aos procedimentos tradicionais de entrevista. Transpondo-se, sem prejuízos, a perspectiva antropológica do autor para a comunicação, temos que

---

...horizontes semânticos em confronto [...] se abram um ao outro, de maneira a transformar um tal "confronto" num verdadeiro "encontro etnográfico" . Cria um espaço semântico partilhado por ambos os interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela "fusão de horizontes" (como os hermeneutas chamariam esse espaço), desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um diálogo teoricamente de "iguais"[...]. O Ouvir ganha em qualidade e altera a relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla. Portanto, uma verdadeira interação. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, pg.9)

Soma-se a isso a necessidade de seguir os preceitos da reportagem, rever os critérios efetivos que hoje (des) orientam as redações, explorar todas as possibilidades de um acontecimento, indo além da notificação, em busca do detalhamento, do questionamento de causa e efeito, de uma nova dimensão interpretativa, narrativa e ética (cf. Bahia, 1990) dos acontecimentos. Desta forma, tornar conhecida a existência de diferentes modos de vida, de maneira que não só as minorias reconhecidas como tais, mas também outros grupos de interesses e fontes de informação diversas manifestem suas ideias, contem suas histórias, participando do processo de construção da democracia.

Em ambientes políticos democráticos, a condição de legitimidade jornalística está intrinsecamente vinculada à postura de desconfiança em relação ao poder, associando-se aos seguintes papéis: vigia do poder político, com a liberdade negativa (instâncias do executivo, legislativo, judiciário) e protetor dos cidadãos dos abusos dos governantes; fornecedor as informações fundamentais para o cumprimento das suas responsabilidades cívicas, com a liberdade positiva, sedimentando a noção de serviço público no centro da identidade da comunidade jornalística (TRAQUINA, 2005).

Muniz Sodré alerta para a relevância, na atualidade, das interações midiáticas, quando o jornalismo enfrenta uma “crise de mediação”, nas palavras do autor<sup>4</sup>. Nessa perspectiva, as tecnologias das mídias conformam uma ambiência sociocomunicacional composta por uma massa de consumidores que buscam a notícia desejada. A mídia mantém, sob esse ângulo, um crescente mercado da atenção que irriga a cultura da informação associada à lógica do entretenimento e não contribui para a construção da vida cívica. Experiências inovadoras têm buscado responder a essa situação comunicativa, como as que nos referimos a seguir.

---

<sup>4</sup> Fala do autor durante o Encontro Nacional das Escolas de Comunicação, Puc Minas, em 13 maio 2016.

O BRIO<sup>5</sup>, lançado em maio de 2015, por exemplo, informa em seu site que publica uma grande reportagem por mês com "histórias que tenham vida, mas que dialoguem com temas relevantes da agenda brasileira e mundial". Os responsáveis pelo projeto creem que essas "histórias profundas" servem de contraponto às notícias rápidas e superficiais do jornalismo diário.

Nota-se, além disso, a função pedagógica desse tipo de matéria, ao estimular o esforço de abstração por parte do leitor que poderá vir a estabelecer as conexões entre um acontecimento limitado e os temas relevantes do momento. Parafraseando Geertz (1978:34), tornam-se um material capaz de dar a temas aparentemente singelos uma dimensão mais ampla e uma "atualidade sensível" às questões contemporâneas.

Antes de trabalhar no aperfeiçoamento de pessoas interessadas em jornalismo, o BRIO deu apoio (inclusive financeiro) para jornalistas produzirem conteúdos originais. Com o trabalho reconhecido no meio jornalístico, já produziu conteúdos que se transformaram em livros publicados e adaptados como série de TV e documentário. Atualmente, dedica-se à oferta de subsídios para o desenvolvimento de carreiras jornalísticas, atendendo assim a uma demanda já sentida socialmente, particularmente nas redações de jornais<sup>6</sup>. A "mentoria" é feita para que "uma pessoa experiente oriente outra menos experiente", com base em planejamento individualizado<sup>7</sup>.

Pode-se citar como outra referência o Estúdio Fluxo de Jornalismo, conforme apresentado em sua página na rede social Facebook<sup>8</sup>: "Redação independente, estúdio de streaming no centro de São Paulo para experiências em jornalismo e não ficção", coletivo composto por repórteres, cinegrafistas, fotógrafos, editores e artistas que se unem no Vale do Anhangabaú para explorar novas possibilidades para o jornalismo.

Na cobertura de marcha para o Complexo da Maré, publicada na página do Facebook, moradores e ativistas do Rio de Janeiro fizeram homenagem à vereadora Marielle

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://briohunter.org/>. Acesso em 25 abr. 2018.

<sup>6</sup> Ver Mapeamento dos Programas de Treinamento nas Empresas de Comunicação 2011/2012. <[https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento\\_rjc/12](https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_rjc/12)>. O grupo focal realizado com responsáveis por treinamento de novos jornalistas nas empresas mostrou que programas Trainee podem ser um recurso importante para complementar a formação jornalística.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://briohunter.org/>>. Acesso em 25 abr. 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/estudiofluxo/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/estudiofluxo/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em 26 abr. 2018.

Franco, assassinada em 14 de março de 2018, no centro da cidade. O depoimento em audiovisual do repórter Raul Santiago, do Coletivo Papo Reto (Complexo do Alemão), refere-se à disposição dos moradores para participar do ato, juntamente com os jornalistas.

Domingo é um dia em que os moradores da favela estão em casa. E nesse contexto de violência, a maioria tem medo de participar de protestos, de ir para a rua por conta da repressão e da violência que a gente sofre na carne. Então o medo é algo muito legítimo na favela. Ato como esse servem para mobilizar cada vez mais moradores para que no futuro eles ocupem esse espaço.<sup>9</sup>

A Agência Pública<sup>10</sup>, de jornalismo investigativo, lançou em 2016 um mapa colaborativo<sup>11</sup> de coletivos brasileiros que não estão ligados a grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. A Pública produz reportagens e disponibiliza bolsas para repórteres independentes desenvolverem suas matérias.

Dedicada à "verificação do discurso público", Aos Fatos<sup>12</sup> é uma plataforma de cobertura diária de notícias, cujo objetivo maior é checar discursos, documentos e peças publicitárias de políticos e personalidades para saber sobre sua autenticidade ou se são “falsas, exageradas, imprecisas”<sup>13</sup>.

Outras organizações de caráter temático podem ser citadas, tais como Jornalistas em Ação, em defesa dos direitos humanos; Think Olga<sup>14</sup>, voltada para o empoderamento de mulheres, Amazônia Real<sup>15</sup>; dedicada à Amazônia e seu povo e Freak Market<sup>16</sup>, revista digital conceitual sobre cultura e arte urbana.

Na perspectiva dessas iniciativas, é provável que a experiência midiática influencie a formação de indivíduos e grupos sociais conectados de forma mais consciente em redes

<sup>9</sup> Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/estudiofluxo/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/estudiofluxo/posts/?ref=page_internal)>. Acesso em 26. abr. 2018.

<sup>10</sup> Disponível em <<https://apublica.org/>>. Acesso em 23 abr.2018.

<sup>11</sup> Disponível em <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em 23 abr.2018.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://aosfatos.org/>>. Acesso em 23 abr.2018.

<sup>13</sup> Disponível em <<https://aosfatos.org/noticias/aos-fatos-e-facebook-unem-se-para-desenvolver-robo-checadora/>>. Acesso em 23 abr. 2018.

<sup>14</sup> Disponível em <<https://thinkolga.com/>>. Acesso em 24 abr. 2018.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://amazoniareal.com.br/>>. Acesso em 24 abr. 2018.

<sup>16</sup> Disponível em <<https://freakmarket.com.br/>>. Acesso em 24 abr. 2018.

---

sociais, fortalecendo o exercício da política e da cidadania. Uma ética comunitária tem chance de se estabelecer pela solidariedade.

Ao produzir informações atreladas à defesa dos direitos do cidadão e que problematizam a desigualdade das condições da vida, coletivos de comunicação têm se organizado com base em formas cooperativas de produção e atuam no contexto da cultura midiaticizada (FAUSTO NETO, 2008), conferindo visibilidade a grupos sociais. Esses coletivos confrontam versões dos fatos disponíveis em produtos midiáticos que homogeneízam as representações sociais, tratadas a reboque da notícia como mercadoria portadora, em última instância, do relato sensacional, espetacular, que banaliza e estigmatiza a experiência das pessoas comuns.

Martín-Barbero (2014) afirma que um modelo de comunicabilidade em rede, interativo e conectivo pode ser acionado politicamente frente à globalização que acentua as desigualdades sociais. Nesse sentido, implicam as trocas culturais nas redes tecnológicas, fomentando a participação democrática e em defesa de direitos. No contexto da cultura midiaticizada, iniciativas de jornalismo alternativo diversificam, assim, os centros mediadores em ambiências socioculturais que se tornam mais polifônicas e polissêmicas e contribuem para uma representação que se pretende plural e diversa dos indivíduos e grupos sociais.

A participação social fundada na operação de cooperação social evidencia a centralidade da lógica associativa de produção e difusão das informações, frente à lógica transmissiva. Ao tensionar o modo de produção típico da comunicação massiva, fundamentada no modelo unidirecional de informações, e as formas de representação social características da produção por poucos polos emissores, a lógica associativa mescla a este cenário os modelos de comunicação “um-um” e “todos-todos”, com base no fluxo bidirecional de informações (TEIXEIRA PRIMO, 2003).

Nesse contexto, a constituição reticular típica da cultura midiaticizada favorece a multiplicidade de centros mediadores, permitindo a interconexão de formatos midiáticos que conforma, por sua vez, a rede intermediática da comunicação (ALZAMORA, 2007). Fontes e enquadramentos baseados em matrizes interpretativas diversificadas mostram

---

formas de ação concreta do homem comum que conferem sentido à realidade social e possibilitam o conhecimento do mundo (CERTEAU, 2007).

Mediados por redes constituídas como formas de resistência às estruturas do jornalismo convencional, que remetem à histórica concentração dos meios de comunicação no Brasil, estes testemunhos reverberam tradições culturais e promovem desvios quanto às macro narrativas da modernidade, como os discursos da ciência, religião e Estado. A formação de audiências em torno desses coletivos, que se fortalecem em redes convergentes de cooperação, sedimenta os laços sociais e altera a relação com fontes tradicionais de informação, entre elas as institucionalizadas, como o governo ou a iniciativa privada (GÓMEZ, 2006).

Por meio de narrativas que apresentam experiências diversas, construídas com base na interpretação e contextualização dos fatos de interesse público, coletivos de comunicação pautam acontecimentos ligados a espaços sociais tornados invisíveis ou estigmatizados, efetivando práticas ancoradas na dimensão relacional, dialógica e afetiva que diz respeito, conforme enfatiza Peres (2017), ao estatuto do testemunho do qual o jornalismo é tributário.

As narrativas singulares de conhecimento do mundo estão relacionadas às diferenças, à diversidade sociocultural, aspecto fundamental para que se crie uma mídia de qualidade. Alguns grupos marginalizados, minorias étnicas e de gênero, estão alijados da produção midiática, tanto como produtores como quanto consumidores. Isso significa que a produção midiática existente não os representa minimamente, ou mesmo os estigmatiza e condena à invisibilidade, dada sua distância das funções jornalísticas decisórias. Faz-se urgente promover a diversidade interna nas estruturas da mídia, fundamental para garantir a diversidade dos conteúdos produzidos.

A produção de conteúdo realizada com dispositivos móveis, a cobertura jornalística intercultural, além das fronteiras culturais – sejam locais ou não – estão sendo crescentemente praticadas e estimuladas no âmbito de projetos coletivos construídos em redes regionais, nacionais ou internacionais. Nesse sentido, o potencial da Internet para

---

uma comunicação democrática anima iniciativas culturais inovadoras, em defesa dos interesses das minorias culturais, ou outros grupos de interesses não hegemônicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o Relatório Mundial da UNESCO Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural (2009), três desafios são colocados aos conteúdos culturais e comunicacionais para que contribuam de fato com a diversidade cultural, quais sejam 1) responder aos imperativos da produção de conteúdos inovadores; 2) ampliar o acesso aos conteúdos produzidos e 3) buscar uma representação mais plural e equilibrada.

A produção de informações que promovam a diversidade nos processos produtivos da mídia, dando atenção aos conteúdos locais, depende da redução da exclusão digital, para que seja ampliado o acesso à produção e distribuição de conteúdos. Nesse ponto, cabe lembrar a relevância de políticas públicas que protejam e promovam ações condizentes com os princípios da liberdade de expressão e da livre circulação de ideias, para que tais estratégias de informação e comunicação possam seguir em frente, em busca da maior representatividade de visões de mundo, a respeito de temas diversos.

Narrativas alternativas incidem, como forma de resistência política, sobre o campo da disputa de sentidos produzidos pelas mídias jornalísticas na atualidade, provocando tensões nas relações históricas de poder. Ao realizar a crítica da mídia convencional e criar condições efetivas para a prática do jornalismo alternativo, apontam as fortes desigualdades do sistema econômico e revelam os significados estereotipados incorporados às culturas contemporâneas. Produzem contrainformação que diversifica os sentidos associados às representações sociais que sustentam relações de dominação simbólica, reforçadas pelos interesses políticos e econômicos que marcam a trajetória dos meios de comunicação no Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

ALZAMORA, Geane Carvalho. Fluxos de informação no ciberespaço: conexões emergentes. *Galáxia*, São Paulo, v. 13, p. 75-88, jun. 2007.

- 
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Olhar, ouvir, escrever. In: O Trabalho do Antropólogo. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>>. Acesso em 19 abr. 2018.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Revista Matrizes*, v.1. p. 89-105, abr. 2008.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos reordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad: 2006. p. 81-98.
- MACHADO, Arlindo. A Comunicação e sua retórica. In: MACHADO, A. *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro/Aparecida: Editora PUC-Rio/Ideias & Letras, 2004, p.47-59.
- MARTIN-BARBERO, Jesús Martin. *Diversidade em convergência: Matrizes*, São Paulo, V. 8, Nº 2 jul./dez. 2014.
- \_\_\_\_\_ Projetos de modernidade na América Latina. In: J.M. DOMINGUES; MANEIRO (org.), *América Latina Hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 19-51.
- PERES, Ana Cláudia Mendes de Andrade. *O que resta dos fatos: testemunho e guinada afetiva no jornalismo*. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense.
- RELATÓRIO Mundial da UNESCO Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Paris: UNESCO, 2009.